

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA AMÉRICA LATINA: o desafio da criação de uma tecnologia de esperança*

Henry C. Johnson**

Se olharmos para a educação a distância em seu cenário na América Latina, hoje, não poderemos evitar a visão de mudanças dramáticas, notáveis desenvolvimentos e oportunidades inimagináveis. O propósito deste artigo é não somente chegar a um entendimento do que está ocorrendo em uma importante área do mundo que compartilhamos, mas também usar este entendimento para nos auxiliar na criação de um futuro não apenas para a educação a distância, mas para o nosso próprio mundo. Como ocorre com todos os desafios, existem também os riscos; mas os riscos não necessitam ser sempre negativos. Eles também podem ser vistos como possibilidades ainda não percebidas ou simplesmente como desafios ainda não enfrentados. A seguir, faremos uma revisão da situação, examinaremos os desafios vistos como se estivéssemos enfrentando um parceiro em particular neste importante empreendimento e, finalmente, avaliaremos os problemas que acompanham estes desafios.

Não devemos ficar surpresos, naturalmente, de que o ambiente atual da América Latina e o papel da educação a distância tenham se expandido em conjunto com as mudanças difundidas e impregnadas em muitos aspectos complexos da vida humana. O presente contexto na América Latina é um

*Este artigo foi escrito a partir de material desenvolvido, respectivamente, pelo Dr. Celedonio Ramirez, reitor da Uned, em Costa Rica; pela Prof^a Ing Yolanda Martinez Ramirez, diretora do Seis, e por mim. Tentei ser fiel ao texto deles, mas serão suas próprias apresentações e documentos finais que serão autorizados. Quaisquer imperfeições neste artigo são exclusivamente minhas, não dos citados autores.

**Professor de Teoria e Política Educacional na Pennsylvania State University.

processo acelerado de mudanças dentro de suas estruturas políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais, as quais estão, por sua vez, mergulhadas em uma revisão correspondente (que algumas vezes parece quase total) de seus conceitos e valores tradicionais.

Por décadas a América Latina viveu no meio da tensão Oriente-Occidente, alternativamente ajudada ou usada de acordo com seu papel nas poderosas políticas mundiais. Esta derivação externa de si mesma foi reproduzida internamente em uma diferenciação político-social de direita-centro-esquerda que foi, embora frequentemente debilitante, pelo menos tranquilizadamente explicável e mesmo previsível em seu comportamento. Desde o colapso do bloco comunista, entretanto, incertezas e confusão quanto à política social e nacional têm tomado o lugar das certezas complacentes do passado. Enquanto isso, uma expansão dramática do Estado, em conjunto com uma tentativa de multiplicação e expansão dos serviços públicos, produziu um déficit crescente. Juntos, dívidas imensas (contraídas na busca da modernidade, como determinado, primeiramente, pelas agências de empréstimos mundiais) e o desmoronamento do comércio criaram uma situação econômico-social para a qual nenhuma das nações do Sul estavam (ou puderam estar) preparadas.

Outros aspectos de mudança na vida nacional vieram também à tona na manutenção das grandes mudanças acima citadas, mudanças estas incluídas nos costumes e valores introduzidos através de uma rede de televisão planetária, centrada em sexo e violência, drogas, escândalos financeiros, crescimento da população, o barateamento do trabalho (para não mencionar a perda do trabalho expressivo). Tudo isso e muito mais contribuíram para o enfraquecimento da estrutura social em toda a região. O desenvolvimento por si só foi finalmente questionado e movimentos políticos moldando novas e dramáticas formas de vida arrastados num torvelinho por toda a área do continente e nas ilhas vizinhas.

Em geral, os problemas e as promessas são influenciados por uma economia global substancial, cuja lógica implacável deve supostamente impor a forma, o conteúdo e o significado de tudo (e de todos), incluindo, naturalmente, a educação em todas as suas formas. Novas alianças políticas e relações de poder estão se formando, geralmente prometendo uma democratização acentuada para breve, com prosperidade para todos.

Como seus modelos mais prósperos, estas nações estão rapidamente tentando construir uma infra-estrutura tecnológica como o sistema nervoso do progresso, um novo parlamento para tomada de decisões e uma universidade mundial para fornecer a necessária liderança cultural/social. Com estas mudanças -juntas definidas como progresso genuíno - barreiras humanas cairão, inimigos ancestrais tais como a pobreza e a fome serão derrotados. E é a tecnologia que agora serve simultaneamente como meio e modelo, substância e processo, solução e esperança.

Este é o contexto (que poderia, naturalmente, ser explicado em maiores detalhes) que lançou a educação a distância em mudanças igualmente dramáticas em seus próprios papéis e responsabilidades. Trabalhando desde sua fase inicial de exploração e aplicação nos anos 60 e 70, produzindo redes locais que vagarosamente alcançaram umas às outras (e agora, de fato, abarcaram o mundo), é também enfocada no desenvolvimento de organizações e instituições especializadas nas quais a extensão, a pesquisa e o desenvolvimento estavam igual e brevemente concentrados. Estas foram primeiramente patrocinadas pelos governos, com a ajuda de poucas fundações internacionais de grande porte.

No final dos anos 80, entretanto, algumas mudanças fundamentais deste modelo de fronteira (ainda, por exemplo, convencionalmente centrada em texto oral) poderiam ser avistadas no horizonte. Estas linhas de mudança correram em cinco direções principais.

Primeiro, as tecnologias sempre novas e mais complexas, de satélites e câmeras de vídeo a microcomputadores e correio eletrônico, tornaram possível uma noção de ensino enormemente ampliada. Geralmente introduzidas em seus primeiros cenários como alternativas ou complementos aos meios tradicionais, elas vieram agora representar a radicalmente nova espinha dorsal metodológica da estrutura e presentemente atuam durante todo o percurso desde a educação básica.

Segundo, enquanto as primeiras operações a distância eram quase exclusivamente eletrônicas, a vantagem crescente da educação a distância pode agora repousar em um modelo duplo no qual os modelos técnicos tradicionais e avançados igualmente colaborarão dentro e fora das instituições convencionais, como as técnicas correspondentes igualmente trabalharão juntas em padrões variados, de acordo com as necessidades daqueles aos quais estão destinadas a servir.

Terceiro, enquanto em décadas anteriores a educação a distância significava sobretudo uma cópia do papel da universidade tradicional, ela agora funciona numa grande extensão de níveis e aplicações e serve a um grande número de agências: treinamento técnico no comércio e nas profissões, serviços diretos para empreendimentos comerciais e órgãos governamentais, e melhoria qualitativa muito além do simples desenvolvimento de habilidade nas profissões.

A elaboração de materiais instrucionais, do econômico texto impresso aos sensíveis materiais interativos agora disponíveis - e pelo menos potencialmente custeáveis - constitui a quarta linha de desenvolvimento (de preocupação específica no Cread, naturalmente). Os próprios textos podem ser agora difundidos e usados eletronicamente, e ligações podem

ser estabelecidas para que, de fato, unam em uma sala de aula todas as faculdades de diversas instituições, ao invés de apenas conectar estudantes individuais com instrutores solitários.

Finalmente, emergiu, expressivamente aumentada, a participação do setor privado, com o resultado final da condição de franquia controlada de fato, largamente secular e restrita a papéis convencionais prescritos pela responsabilidade governamental. Agora uma série de universidades e agências privadas, grupos especiais de interesse e instituições religiosas, como também entidades comerciais, tornaram-se todos participantes no jogo, trazendo novas possibilidades e um vasto campo de ação para o progresso educacional que não pode ser ignorado.

Em resumo, a situação (social, cultural e educacional) na América Latina está agora igualmente mais complexa e mais complicada, marcada por perspectivas de progresso futuro e perigos de regressão - o que é somente para dizer que ela oferece riscos e desafios. Quem participará e quem guiará (ou mesmo controlará) ainda são perguntas sem respostas. O processo é ainda incerto, mas o futuro, contudo, está também aberto.

A experiência mexicana: um exemplo

A experiência mexicana, como ilustração, é igualmente relevante e instrutiva. Os instrutores mexicanos estão há bastante tempo comprometidos com a extensão da educação através da mediação técnica por toda aquela grande e diversa nação. Como o restante da América Latina, a influência poderosa de metas e forças econômicas é sentida em toda parte. Os altos riscos envolvidos na competição econômica internacional são profundamente avaliados - como o impacto dos eventos recentes tão claramente demonstram.

A questão que enfrenta a nação, entretanto, é se o real desenvolvimento social com participação política democrática genuína - isto é, um crescimento qualitativo na vida humana e no potencial - pode ser mantido em série com o progresso qualitativo. As forças econômicas e os fatores políticos já incorporaram há tempos a tecnologia em suas estruturas difusas e sistemas educativos. Um desenvolvimento qualitativo correspondente, entretanto, depende de uma presença educacional abrangente e igualmente poderosa se as nações atualmente marginalizadas (populações marginalizadas dentro de nações) forem continuadas e assegurada sua expressiva participação.

Sem ignorar as exigências de uma escolaridade convencional, da educação básica e secundária através da variedade de rotas alternativas pós-secundárias, o desafio de retreinamento que tem vindo em primeiro plano em tempos recentes é uma chave de grande importância no México. Novos processos de produção, surgindo dentro das indústrias e organizações de serviço como elas, respondem às chamadas reconhecidas de modernização, e a entrada de todos os novos campos de atividade comercial e industrial torna crucial o treinamento de combate acelerado, não somente para a companhia, mas também para as pessoas colhidas dentro dessas mudanças. Tecnicamente, a educação indireta sozinha pode dar estas respostas a tempo de salvar igualmente companhias e vidas individuais - o que, hoje em dia, é também dizer destinos nacionais.

Além disso, a preparação, o treino e o retreinamento repetido do trabalhador, suprimindo as necessidades dos vários níveis de gerenciamento, incluindo os executivos mais graduados da corporação, são também obviamente obrigatórios. Conseqüentemente, a educação a distância para os estudos de pós-graduação é inevitável, mais uma vez altamente capaz e oportuna em termos das responsabilidades que crescem mais complexas e exigentes a cada ano.

Claras como estas necessidades sociais e comerciais, entretanto, a experiência mexicana também oferece algumas advertências relevantes. Ainda que a educação e o treinamento não possam escapar da mediação técnica, eles devem evitar uma despersonalização muito freqüente. Ademais, eles devem evitar uma centralização e uma homogeneização monolíticas. Exatamente como as vidas humanas devem ser enriquecidas de forma única, pessoal, para preservar a vitalidade que nós, como indivíduos, trazemos para nossa cultura e sociedade, as nações precisam de programas regionais de desenvolvimento que levem em conta a participação e a diferença que estimulam uma nação. Os efeitos trágicos da tentativa de adaptação de países inteiros a planos econômicos unitários simples, outrora característica de muitos projetos promissores nos países em desenvolvimento, não devem ser esquecidos.

Enquanto o necessário apoio para a cobertura tecnológica maciça é provavelmente impensável da parte do governo e do capital externo, a experiência mexicana sugere que uma colaboração próxima entre governos e instituições educacionais é essencial para a preservação do enfoque sobre o desenvolvimento humano e suas necessidades culturais e sociais que somente as últimas instituições têm como suas preocupações principais.

As áreas de problemas da educação transmitida tecnologicamente

Como os debates precedentes já deixaram claro, mudança traz igualmente desafios (incluindo as possibilidades imprevistas de antemão) e também uma série complexa de problemas. Estes não devem, entretanto, ser vistos simplesmente como uma negativa inevitável; de fato, eles podem ser, de outra forma, uma oportunidade. Como vemos dificuldades em nossas situações e estratégias, novas idéias surgem. Conseqüentemente, abordaremos agora três áreas problemáticas: a econômica, a cultural e a

humana - acreditando que, destas questões, uma nova visão possa também surgir, incluindo uma tecnologia de esperança, como denominada nas seções anteriores.

A área de problemas econômicos manifesta-se, pelo menos, de duas maneiras. A mais óbvia é o custo absoluto da própria revolução tecnológica. Enquanto não existem dúvidas de que uma educação transmitida eletronicamente poupa-nos muito do custo das instalações convencionais (investimento de capital associado, que é simplesmente impensável, pelo menos agora e provavelmente por algum futuro previsível), ela não é um presente miraculoso. Alguns podem questionar que a educação transmitida eletronicamente assume três formas: televisão comum, o novo sistema de rede de informação mundial e sistemas tecnológicos orientados para a educação, a forma mais comum da educação a distância. A TV mundial no hemisfério ocidental é densamente distribuída pela TV dos Estados Unidos (e tenha em mente que neste caso estamos ignorando outras formas poderosas de mídia), e ela está, naturalmente, largamente disponível. Mas ela pode ser considerada educacional somente no sentido imperfeito da influência do comportamento e do pensamento. Faltam a ela ética e outro princípio normativo. Sua disponibilidade é tornada possível apenas porque ela é, e presumivelmente continuará a ser, subsidiada por interesses econômicos transnacionais por suas próprias razões. A possibilidade de tornar-se genuinamente educacional depende de seus consumidores poderem estar preparados para lidar com ela construtivamente, ao invés de meramente serem usados por ela.

A participação sozinha na aclamada supervia da informação é estimada (nos EUA) em aproximadamente 120 dólares por mês (fora o equipamento exigido). Em vários países do mundo, incluindo muitos do hemisfério ocidental, a renda familiar média, em relação aos EUA, é menor do que 10%.

Conseqüentemente, a participação individual ou em unidades familiares é simplesmente impensável na sua forma atual - sem nem mesmo considerar que nos EUA quase 50% do equipamento, cada vez mais sofisticado, necessário para a participação efetiva, é possuído por famílias com 70 mil dólares ou mais de renda anual. As famílias com menos de 15 mil dólares de renda anual possuem mais ou menos 5% do equipamento. Mas, mesmo então, em um hemisfério onde a renda per capita é freqüentemente 10% menor, ou menos, do que nos EUA (e amiúde pensando em termos relativos), e onde 50% ou mais das rendas disponíveis são acumuladas por 10% da população, o problema torna-se óbvio. Parece duvidoso que a educação transmitida eletronicamente quisesse incorporar a anterior ou ser capaz de utilizar a anterior tão facilmente como algumas vezes é sugerido.

Mais uma área de problema econômico, o efeito social dos desenvolvimentos econômicos atuais, é também claramente revelado. A tecnologia, como fundamentada atualmente, aumenta a disparidade econômica, a separação de classes e a distância social, ao invés da integração. (Será uma brincadeira cruel se a educação a distância tornar-se educação para a distância ao invés de a distância!)

Enfocada pedagogicamente, a tecnologia - educação a distância genuína, construída sob a orientação de alguns princípios normativos, tais como humanização, integração, participação, democratização, ou a "Cosmocracia" do Dr. Ramirez - terá que intermediar a mídia, incluindo a própria explosão da informação, ou mais, isto tornar-se-á somente mais uma voz, entre muitas, em conversas inexpressivas, as quais podem somente deseducar.

A segunda área de problemas é a cultural. Temos conhecimento, já há bastante tempo, de que a mudança tecnológica tende a criar sua própria cultura, por exemplo, a cultura criada pelo automóvel e, mais recentemente,

o mundo da indústria do entretenimento. A última é de particular importância, porque tem criado também inquestionavelmente uma subcultura distinta, que pode também ser quase uma contracultura universal ou, pelo menos, subsociedades virtuais com uma nova forma política.

Uma das questões que surgem neste contexto é particularmente crucial. A educação é essencialmente dirigida pelo conteúdo cultural e a necessidade social. A cultura pode ser vista como um efeito acumulativo da experiência humana, com a forma e o conteúdo que variam com cada experiência. Além disso, essa variedade pode ser vista como produtiva, enriquecendo a própria essência humana como tal, algo que talvez venhamos a apreciar somente quando for ameaçada de extinção, em grande parte como uma função da própria tecnologia. Como a propriedade, o controle, o conteúdo e a operação dos extensos impérios tecnológicos tornaram-se mais centralizados, o que pode surgir é uma monocultura trivial, dirigida pelos imperativos econômicos globais como a nova metafísica e fornecendo a nova narrativa dominante. De fato, parece provável, apenas porque já podemos ver isto acontecendo. A questão é se podemos ter uma cultura planetária adotada por uma universidade mundial, que não seja uma monocultura cujo princípio normativo seja a cobiça e cujo resultado seja conferir poderes a poucos.

Certamente, estamos testemunhando um curioso - ou deveríamos dizer assustador - paradoxo. Por um lado, novas formas de conflitos perversos como as regiões (geralmente caracterizadas e unificadas pela diferença cultural) que atacam as estruturas do poder recentemente enfraquecidas que antes as mantinham em xeque. Por outro lado, existe a tranqüila expansão de um novo poder de controle transnacional, as corporações globais progressivamente integradas e seus instrumentos financeiros. Estas agências encontram culturas diversas para serem um constrangimento nas ambiciosas reformas necessárias que elas desejam executar e concordam

que a educação transmitida eletronicamente é o instrumento de escolha para o cumprimento de suas metas. E, na verdade, a educação a distância pode também estar criando sua própria cultura, embora prestemos pouca atenção a isso e, conseqüentemente, saibamos pouco sobre isso.

Finalmente, a terceira área de problemas é a da própria humanidade. Até agora, como podemos ver, a única razão para qualquer atividade humana, para a política ou para os negócios, ou mesmo para a educação, é a intensificação da condição humana (social, econômica e cultural), a fim de que a expectativa das pessoas seja progressivamente realizada. Nós, como educadores a distância, enfrentamos uma questão curiosa: podemos controlar ou modelar uma cultura de modo que esta aprofunde, ao invés de banalizar a experiência humana, de modo que esta libere sem exploração, e que unifique na diferença sem homogeneizar a experiência? Qual será o triunfo da educação a distância transmitida tecnologicamente, se o preço é o desaparecimento da humanidade de muitos (talvez mesmo de todos) para o benefício de poucos? Para ganhar tempo e espaço, isto pode ser explicado voltando-se para um possível resultado alternativo: visão e planejamento.

A consciência do potencial cataclísmico e significativo das mudanças nas quais estamos envolvidos profundamente pode conduzir à visualização - uma visão em dois sentidos. Primeiro, uma olhada para o que está acontecendo. Não nos atrevemos a fechar os nossos olhos, para que nossas visões não sejam somente sonhos infundados! O que realmente

acontecerá aos seres humanos se você presenteá-los com uma comunidade virtual, um trabalho virtual, em organizações e locais de trabalho virtuais, tudo tornado possível pela educação virtual? O que vem à mente aqui é o tipo de indagação perturbadora feita por Ivan Illich, que teve a coragem de perguntar se o sistema de saúde técnico diferenciado tem alguma coisa a ver com a saúde humana e o bem-estar. E, naturalmente, esta visão para dentro tem que incluir os pontos de vista internos que não podem simplesmente ser interpretados a partir dos diagramas abstratos e das equações de especialistas arrogantes cujas categorias de filtragem não podem ver nem ouvir as pessoas cujas vidas são o laboratório final de seus grandes experimentos - experimentos que sempre colocam outros, não eles, em risco. A segunda forma, uma visão off deve vir de uma visão *into*. O que poderia ser deve surgir de uma clara percepção do que está acontecendo a todos nós. Senão, seria simplesmente uma utopia igual à droga, uma forma do que pode ser chamado de conceito do abuso!

Mas isto exigirá ação como também visão, e o primeiro oponente dessa ação é, necessariamente, um processo de planejamento que seja participativo e colaborativo, e isto compromete as áreas de problemas em todos os níveis, não somente o técnico. O Consórcio Interamericano de Educação a Distância (Cread) é uma tentativa de dar forma a tal modelo tão exploratório e colaborativo quanto possível, acenando com a possibilidade de educação à medida que ela nos confronta no mundo atual. Não é muito uma resposta para uma pergunta sobre o que podemos e devemos fazer - uma indagação da qual todos os que se preocupam estão convidados a participar.